

Bancos desistem de Serra

Vicente Nunes

Da equipe do **Correio**

Carlos Eduardo/BG Press/AJB 26.7.02

A economista Emy Shayo, do Bear Stearns, um dos maiores bancos de investimentos dos Estados Unidos, costuma dizer, nas conversas com amigos, que a candidatura de José Serra (- PSDB) à Presidência do Brasil foi enfiada goela abaixo do mercado financeiro. Como ela, outros economistas de renome em Nova York e Londres afirmaram, em várias oportunidades, que Serra foi o candidato possível, não o desejável pelos investidores estrangeiros. Críticas à parte, o mercado encampou o presidencialível tucano a ponto de apostar todas as fichas na sua eleição.

A menos de dois meses do primeiro turno, no entanto, essa confiança começa a se esfacelar. Em relatórios despachados ontem para seus clientes, o banco inglês Barclays Capital, o alemão Dresdner Kleinwort Wasserstein e a consultoria IdeaGlobal, que presta serviço para os principais fundos de investimentos do mundo, admitem que “está praticamente impossível” para Serra chegar ao segundo turno da disputa pelo comando do Brasil.

O economista-chefe de Pesquisas Econômicas para a América Latina da IdeaGlobal, Ricardo Amorim, é enfático no seu texto. Ele diz ainda esperar por um aumento nas intenções de votos de Serra depois do início dos programas eleitorais gratuitos na televisão a partir do próximo dia 20. “Mas estou cada vez mais desconfiado de que esse crescimento não será suficiente para garantir uma vaga no segundo turno, tamanha é a distância de Serra em relação a Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, e de Ciro Gomes, do PPS”, afirma. “Agora, nós acreditamos na vitória de Lula ou de Ciro”, ressalta.

Os economistas Neil Dougall e Nuno Câmara, do Dresdner, cha-

mam a atenção, logo na primeira página no *Latam Macro News*, para o fato “negativo” de Lula permanecer na liderança das pesquisas. Mas o que realmente preocupa os especialistas do banco alemão é a consistência da candidatura de Ciro Gomes. “Estamos preocupados, porque nem mesmo um escândalo envolvendo o candidato do PPS — as denúncias contra o ex-coordenador de sua campanha José Carlos Martinez, do PTB, com Paulo César Farias, ex-tesoureiro de Fernando Collor de Mello — foi suficiente para derrubá-lo nas pesquisas (e im-

pulsionar Serra)”, destacam. “Se não conseguir melhorar sua posição o mais rapidamente possível nas pesquisas, Serra corre o risco de ver rachar a aliança do PSDB com o PMDB, que dão suporte a sua candidatura”, assinalam.

Jose Barrionuevo e Gustavo Rangel, do Barclays Capital, ressaltam que é quase inviável a Serra chegar entre os dois finalistas na disputa pela sucessão de Fernando Henrique Cardoso. “A recuperação de Serra (na preferência do eleitorado) é muito difícil e o possível racha entre seus aliados poderá beneficiar Ciro

Gomes”, afirmam. Para Carlos Guzzo, Diretor de Mercado do BES Investimentos, instituição controlada pelo Banco Espírito Santo, de Portugal, os investidores tanto já acreditam na vitória de Ciro, que trabalham com a possibilidade de o candidato do PPS adotar um discurso pró-mercado logo depois do início dos programas gratuitos na tevê.

“Ciro vai moldar seu discurso mais ao centro para atrair o apoio que ainda está com Serra. Não será surpresa, inclusive, se o candidato do PPS anunciar que manterá Arminio Fraga na presidência

do Banco Central no primeiro ano de seu eventual governo”, diz Guzzo. Ele afirma, ainda, que a sentença de morte da candidatura de Serra, caso o tucano não decole nas pesquisas, será dada pelo mercado financeiro nos primeiros dez dias da propaganda eletrônica.

O candidato do PSDB, porém, não esmorece. Diz, mesmo para os incrédulos, que a única pesquisa válida é a das urnas no dia 6 de outubro. “E eu serei o vencedor”, garante Serra. O problema é que nem seus assessores mais próximos acreditam mais nisso.



SERRA (À DIREITA), AO RECEBER APOIO DO MINISTRO MALAN NO MÊS PASSADO: APOIO DO MERCADO FINANCEIRO NÃO SE TRADUZIU EM VOTOS PARA O CANDIDATO